



Revista *Plenitude*: 25 anos no mercado editorial

Penha Rocha

Resumo: O artigo aqui apresentado, assim como a pesquisa da qual faz parte, tenta analisar a atividade das Organizações Empresariais da Igreja Universal do Reino de Deus -IURD, aliando a teoria à práxis, considerando os vários profissionais que nelas trabalham e se detém numa produção editorial há 25 anos produzida pelo grupo midiático.

Palavras-chave: Mídia - Corporação - Revista.

Abstract: The paper presented, as well as the research to which it belongs, attempts an analysis on the Mediatical Empire of the Universal Church of the Kingdom's God Corporation -, joining theory and praxis, or better yet, considering the various professionals that work in them. The paper intends to analyse a magazine produced by the media corporation in the last 25 years.

Key words: Media - Corporation - Magazine.

Resumen: El artículo aqui presentado, así como la investigación de la cual hace parte, intenta analizar la actividad de las Organizaciones Empresariales de la Iglesia Universal del Reino de Dios -IURD y su imperio mediático, aliando la teoría a la práxis, considerando los varios profesionales que en ellas trabajan y se detiene en una producción editorial que es producida hace 25 años por el grupo de media.

Palabras clave: Media - Corporación - Magazin.

Penha Rocha é mestre e doutora pelo Programa de pós-graduação em Comunicação da ECO-UFRJ e coordena o projeto *Globo Universidade* das organizações Roberto Marinho.

Introdução

Este trabalho integra uma pesquisa de Doutorado, realizada durante cinco anos na Escola de Comunicação da UFRJ (ECO/UFRJ), com o título “As Estratégias de Comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus”. O *paper* aqui apresentado, assim como a pesquisa da qual faz parte, tenta analisar o Império Midiático da Universal aliando a teoria à *práxis*, ou seja, considerando os vários profissionais que trabalham nas Organizações Empresariais da Igreja Universal do Reino de Deus -IURD. Tais profissionais foram entrevistados e apresentados com pseudônimos mas, em nenhum momento, a autora deste trabalho conseguiu entrevistar os pastores que ocupam cargos de chefia nas mais diferentes mídias da *holding* da IURD.

¹ ARENDT, H. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FAUSTO NETO, Antonio. A religião do contato: estratégias discursivas dos novos templos midiáticos. *Revista Diálogos Possíveis*, Salvador, v. 3, p. 39-58, 2004.

KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. [Opinião sobre religião e Marx]. São Paulo, 2004. Entrevista concedida a Penha Rocha para o livro *Prazer em Conhecer*. São Paulo: FAPESP, 2004.

SODRÉ, Muniz. *Sociedade, mídia e violência*. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2002.

_____. A salvação cotada em dólar. *Observatório de Imprensa*, site da Internet, ed. de 11 jul. 2001, disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/jd110720011.htm>> Acesso em 14 dez. 2005.

A investigação está fundamentado em autores como Antônio Fausto Netto, Muniz Sodré, Luiz Alberto Sanz, Leandro Konder, Hannah Arendt e Manoel Castells.¹

Em 2005 a revista *Plenitude*, que foi o primeiro veículo do sistema de comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus, completa 25 anos e o diretor geral da publicação é o Bispo Eduardo Lopes. No início, em 1980, a revista, que tinha o formato de um gibi, era feita pelos próprios dirigentes da IURD com o objetivo de ampliar os dogmas e as idéias da igreja a um número maior de pessoas. Desde o início, na revista, dava-se ênfase às experiências vividas na Universal, sobretudo, os testemunhos dos membros da igreja.

A visão estratégica atribuída ao uso da revista tem dois fatores importantes: o primeiro é o de propagar a sua ideologia, utilizando-se da estrutura midiática para conquistar novos adeptos, cuja tática é assumida pelo próprio sistema empresarial de comunicação da IURD. O segundo, tratado em silêncio, é o de transformá-la em um produto político-comercial, ou seja, numa ferramenta de *lobby*, num meio poderoso de influências que

ultrapassam a conveniência da intencionalidade religiosa.

Ao assumir esta postura, interligando a essência de pregação aos seus meios comunicacionais, a IURD busca na Bíblia e na história da igreja cristã primitiva os argumentos para defender seus interesses:

Para achar a resposta, devemos nos remeter aos apóstolos e ao Senhor Jesus, afinal este foi o modelo que ele deixou para que seus seguidores usassem como referência para dar continuidade à pregação do evangelho. E mais, mesmo antes do nascimento de Jesus, os patriarcas, profetas e “Homens de Deus” já haviam se utilizado da escrita para registrarem e divulgarem os preceitos de Deus. Os livros que compõem o Antigo Testamento foram amplamente propagados entre vários povos e nações. (Revista *Plenitude* n°.123, ano 25, ago. 2005, p. 60)

As mudanças da revista *Plenitude* ao longo de sua história demonstram do crescimento de poder, de representação e da influência da Igreja Universal no Brasil e no mundo: do jeito de fanzine com formato de gibi passou a ser uma revista com 66 páginas em média, impressa em papel *couché* e com um projeto de arte gráfica profissional, semelhante ao de outras publicações de grande circulação no país. Hoje, sua tiragem é de 450 mil exemplares por mês, distribuídos por todo território brasileiro e mais alguns países, como Portugal e Estados Unidos, contando com versões em línguas estrangeiras, segundo dados retirados no *site* do Bispo Edir Macedo. A grandeza da circulação e da distribuição da *Plenitude* fica evidente quando a comparamos com a também mensal *Revista das Religiões*, da editora Abril, que possui circulação 30,7 mil exemplares por mês, segundo dados do Instituto de Verificação de Circulação (IVC) de 2004.

A revista *Plenitude* também existe em versão para a Internet, acessível pelo portal *Arca Universal*. Brevemente ela irá participar do “megaportal” *UniMídia*, que funcionará como uma central de informações *on line* unindo todos os canais de comunicação da IURD: televisão, revistas, jornais, livros, entre outros. A *Plenitude* estará disponível na *UniMídia* nas línguas portuguesa e inglesa e já está em desenvolvimento sua tradução para o espanhol e o francês.

A pesar de a redação da revista estar no bairro de Santo Amaro em São Paulo, ela é impressa em Belo Horizonte, assim como os jornais *Folha Universal* e *Hoje em Dia*. O projeto gráfico impresso da revista é clássico, trabalhando com as cores cinza, branco e marrom. Na contracapa da edição dos 25 anos da *Plenitude* tem um anúncio institucional com imagens de um casal de classe média lendo o exemplar, com o título “Por Você Sempre”.

O apelo emocional e a retórica baseada nos textos bíblicos são a linha do discurso editorial, jornalístico e religioso da revista, que tem “a missão de salvar almas e vidas”, como se pode ver no relato de uma das fiéis da igreja que teria conhecido a “palavra de Deus” a partir das publicações da IURD:

A maior transformação que tive na minha família. Quando fui convidada para ir à Igreja Universal eu já morava com meu marido há dois anos, mas não éramos casados. Nós brigávamos muito por ciúme. Eu e ele aceitamos o convite e na primeira reunião que assistimos, fui curada de uma dor de coluna que tinha há muito tempo, e que me obrigava a usar uma cadeira especial para sentar. Decidimos a nos dedicar e pegar firme. Por meio do trabalho evangélico eu fui tirada do inferno, pois eu estava vivendo erradamente. O meu entendimento mudou e agora procuro passar para outras pessoas essa verdade que me libertou. Hoje, eu e meu marido somos casados. Só que quando a gente fala que vai para a Universal, muitas pessoas se levantam contra nós. As orientações e mensagens da *Folha Universal* e da revista *Plenitude* são muito importantes para quem está chegando e precisa conhecer o trabalho. Os testemunhos que a gente lê renovam a nossa fé. (Revista *Plenitude* n.º.123, ano 25, ago. 2005, p. 61)

Renovando a sua linguagem e adaptando os modelos de comunicação de massa para seus propósitos, a Igreja Universal do Reino de Deus consegue canalizar o fluxo de seu discurso utilizando-se de variados meios de expressão. Veremos isso de modo detalhado a seguir, na análise da edição número 123 de *Plenitude*, comemorativo dos 25 anos da revista.

O poder da fé

Em sua edição 123, a revista apresenta uma

reportagem especial intitulada *O poder da fé*. Trata-se de uma adaptação para linguagem jornalística do testemunho de vida do bispo Carlos Macedo, que conheceu a IURD aos 17 anos, ao receber um folheto da instituição na saída da escola. Bispo da Universal desde 1998, ele não tem grau de parentesco com o líder da igreja da qual faz parte.

O texto começa contando que, aos 15 anos, Carlos Macedo, internado numa Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) com pneumopatia aguda, “desacreditado” pelos médicos, era um “escravo da enfermidade”, situação que levou sua família a se envolver, segundo ele, com “encostos”: De acordo com seu relato:

No hospital, uma entidade se manifestou em uma pessoa. Minha mãe, então, ouviu que os problemas haviam sido provocados porque ela não teria feito as ofertas no dia combinado. Ela pedia perdão e explicava que não tinha dinheiro. Então foi proposto um pacto. Na manhã seguinte eu acordei curado, mas a minha mãe ficou desesperada porque tinha que cumprir a promessa feita no pacto. Chegamos a um ponto que nos vimos obrigados, por força da inteligência, a recorrer à IURD.

Peguei o folheto e, chegando em casa, o coloquei sobre o altar que minha mãe fizera para os encostos. Aconteceu algo incrível... não havia velas acesas, como era de costume, mas a toalha sobre a qual coloquei o folheto começou a pegar fogo! Naquele momento a minha mãe já estava com um encosto que se revoltou contra mim e chamou aquela mensagem da IURD de porcaria. O episódio foi a gota d'água, minha mãe começou a discordar daquelas entidades e se negou a obedecê-las. É lógico que os espíritos ameaçaram, mas imediatamente a minha mãe procurou a Igreja Universal. Ela que sofria de depressão, tomava remédio para dormir e era agressiva, no mesmo dia que foi à igreja, teve uma forte oração feita pelo pastor e disse para ela que aquelas ameaças não se concretizariam. No dia seguinte eu fui para a Igreja Universal. (O poder da fé, Revista *Plenitude* n.º.123, ano 25, ago. 2005, p. 45-47).

Temos aqui um texto com um tom dramático muito forte. Esse tom pesado dá um alto contraste entre a situação prévia e a posterior à conversão de Carlos Macedo. O maniqueísmo é evidente: antes da conversão, o protagonista e sua família teriam servido o Mal e teriam sido vítimas dele, e a adesão à IURD teria trazido a libertação do Mal e a cura de doenças. Neste ponto ficam evidentes dois traços marcantes das mensagens veiculadas

pela Universal: o apelo a fenômenos fantásticos — o panfleto que incendia o “altar dos encostos” e as curas súbitas de problemas sérios de saúde — e o ataque à Umbanda e ao espiritismo afro-brasileiro em geral — as menções de “encostos”, pactos e oferendas são referências a ritos dessa corrente religiosa. Como vimos na Introdução, no caso em que o Ministério Público da Bahia proibiu o livro *Orixás, Caboclos & Guias: deuses ou demônios?*, de Edir Macedo, esses ataques são uma atitude polêmica da Igreja Universal. Mas a polêmica não deixa de ser um meio de publicidade.

Sobrevivendo com a fé

A primeira página da edição comemorativa de *Plenitude* traz o texto *Sobrevivendo no Deserto*: “A tamareira não é uma árvore comum em nosso país, mas o exemplo que ela nos dá deve estar bem presente nas horas difíceis.” O texto faz uma analogia do ambiente árido onde essa planta vive com as dificuldades que enfrentamos no cotidiano. A si me o estilo de parábola lembram as pregações do Evangelho.

Esse texto contém um trecho significativo, o qual afirma que não precisamos ser especialistas em botânica para conhecermos a natureza, por existiria um “manual” deixado pelo “Criador de todas as coisas, de onde podemos extrair tudo que é necessário para termos uma vida plena e feliz. Procure ler a Bíblia e meditar em seus ensinamentos. Você verá que as respostas para suas perguntas estão muito mais perto do que você imagina.” O texto termina, assim como o de todas as mídias da Igreja Universal, sugerindo a leitura da Bíblia como solução e resposta da própria existência humana.

Coração partido: da ciência à salvação

Porque atribui à Bíblia um papel fundamental como fonte de conhecimento, a Universal do Reino de Deus tem uma relação ambígua com o conhecimento laico. Embora siga o modelo de *igreja eletrônica*, com uma visão positiva da tecnologia, suas mensagens freqüentemente

põem o saber científico — irmão do saber tecnológico, ao menos na tradição ocidental — como algo muito limitado. Para as autoridades da IURD, as filosofias laicas e as ciências são como sombras da Verdade, que seria a palavra bíblica. Essa visão se harmoniza com o princípio neopentecostal de “salvação pela fé”, pelo qual a natureza pode ser subvertida pela forte crença em Deus e a favor do crente.

No campo da comunicação social, a Universal reconhece que diversos temas laicos atraem muito interesse público, sendo por isso uma parte necessária da pauta de suas publicações e programas. Entretanto, dá a esses assuntos um “enquadramento” editorial que no fim das contas vai remetê-los à mensagem de “salvação”.

Vejam os casos da matéria *Síndrome do Coração Partido: Dor de Amor*, publicada na edição de *Plenitude* que examinamos. Conteúdo envolvendo questões de saúde sempre são estratégicos para qualquer meio de comunicação atrair leitores. Nesse caso, está em questão uma suposta doença emocional que implica reações físicas.

Para montar o conteúdo da matéria, a repórter Eliana Garcia recorre ao conhecimento científico: menciona um estudo publicado pela universidade John Hopkins, dos Estados Unidos, desenvolvido a partir de 2001. Segundo o médico Assad Frangieh, responsável pela pesquisa:

[...] a dor do amor que nos deixa com o coração em pedaços não é apenas uma sensação de desamparo, mas sim uma doença. Uma decepção amorosa contribui para que outras patologias venham à tona. Quem está sofrendo por amor se queixa de cefaléias, cansaço fácil, falta de apetite, insônia, irritação, crises de choro, dores de barriga e adquire uma postura retraída como se quisesse se esconder do mundo. É comum também a sensação de falta de ar, de formigação e dores no peito, sensações similares à de um enfarto. Muitos chegam a fazer exames cardiológicos, mas o resultado é negativo.

De acordo como o médico, essa doença é desencadeada depois de um “fora”, deu uma crise conjugal, de uma enfermidade grave, ou até mesmo com a morte de alguém próximo. Ele explica:

No enfarto, as artérias do coração são bloqueadas, já quan-

do se tem uma notícia inesperada há uma produção excessiva de adrenalina e outras substâncias que, ao cáfrem na corrente sanguínea, provocam essas reações de dor. Chegamos a um diagnóstico da síndrome do coração partido através de um a boa conversa entre paciente e médico e uma observação clínica completa. Não pode haver um tempo cronometrado. É preciso diferenciar a síndrome do coração partido da depressão, que exige o uso de medicamentos e uma supervisão de profissionais de psicologia. Expressões como “morrer de tristeza” e ou “o coração não agüentou”, são reais. Por isso, força de vontade e saber dar a volta por cima são atitudes essenciais para vencer algumas situações difíceis da vida.

É interessante essa declaração do Dr. Frangieh: começa como consideração científica, objetiva, mas se encerra com a opinião do médico, que aponta a força de vontade e a disposição para “dar a volta por cima” como as grandes qualidades para a superação de problemas. O poder da vontade e o desejo de mudança são dois pilares de teologia pentecostal, que tanto valoriza a conversão e a fé. Vale ressaltar que na edição número 123 de *Plenitude* já existe outra sinalização nesse sentido, no texto sobre a vida do Carlos Macedo: de acordo com esse texto, o bispo e sua família teriam se libertado dos “encostos” quando, inspirados por sinais supostamente sobrenaturais (como o panfleto que incendia altar), desejaram fazê-lo por meio da adesão à IURD.

A matéria sobre a síndrome do coração partido então apresenta um depoimento, da aposentada Valdimira Gomes de Sousa, 76 anos, que define como “insuportável, inexplicável, interminável” a dor que sente em seu coração depois da morte do marido. Após sete anos da perda, ela não se recuperou e não consegue esquecer a dor que sentiu. Foi casada por quase 50 anos, diz que conheceu o marido, ainda quando criança:

Ele foi o meu primeiro amor. Eu o conheci aos 10 anos de idade e quando nos casamos foi a realização de um sonho. Tivemos um casamento abençoado e éramos uma família feliz. O que mais dói é que não houve mais tempo para despedidas. Estávamos prestes a viajar, quando dias preste de partirmos, ele sentiu-se mal e foi ao hospital, em questão de horas, morreu de enfarto. Infelizmente a viagem que ele fez foi sozinha e sem volta. Só peço a Deus todo dia para me dar forças para viver sem ele.

Neste ponto, a apresentação objetiva de informações já cedeu espaço ao drama. Em seguida, a matéria parece retornar ao teor informativo, pois apresenta o comentário de uma especialista, a consultora em relacionamentos afetivos Rosana Braga. No entanto, a fala reforça a sensação dramática, sinalizando para a busca de uma “nova vida” e de “um amor maior”:

A dor de um amor que morre, seja lenta ou rapidamente, sempre parece nos deixar sem chão, sem rumo, sem forças para levantar de um tombo que nos recusamos de acreditar de que levamos! Mas tenho insistido no fato de que é possível renascer, recuperar, recomeçar e amar novamente. É a dor que nos impulsiona para irmos a busca de um amor inteiro, verdadeiro, maior.

Existem vários outros testemunhos de dor, de coração partido. Um exemplo interessante é o depoimento da jornalista Roberta Godoy, que se diz curada da tal síndrome porque recorreu a Deus por intermédio da Igreja Universal. Ela teria orado muito “para que ele arrancasse aquela dor” de sua alma, e afirma: “O verdadeiro amparo eu encontrei na IURD e não nos remédios.” Aqui temos uma clara desvalorização da medicina.

A intenção de propaganda dos feitos da Igreja Universal torna-se clara à medida que os depoentes, aqueles que dizem ter passado pela dor do coração partido, são todos apresentados como participantes da Terapia do Amor, evento que acontece todos os sábados em qualquer templo da Universal do Reino de Deus.

A matéria então destaca a fala do pastor Carlos Ostam, que realiza a Terapia do Amor na catedral da Igreja Universal do Reino de Deus, em Santo Amaro, Zona Sul de São Paulo. Dessa fala, chamamos atenção para o seguinte trecho: “...somente com a ajuda de Deus é possível livrar-se desses sentimentos que a ciência confirma como nocivos à saúde física”.

E um texto que começou com informação sobre saúde, utilizando-se de dados de pesquisas científicas, termina com pessoas dizendo que só obtiveram a resposta para as suas dores na IURD. Um tema laico serviu de chamariz para a propaganda de fé.

Essa passagem da informação jornalística para a propaganda também acontece em outra matéria, *Vencendo o complexo de inferioridade*, que começa na página 48 da *Plenitude* número 123. Desta vez uma questão da psicologia é destacada. Segundo o jornalista Eduardo Prestes, autor da matéria, o termo “complexo de inferioridade” foi criado pelo psiquiatra austríaco Alfred Adler (1870-1937) para designar sentimentos que evidenciam a baixa auto-estima. Ainda de acordo com a publicação, não se trata de uma doença, mas sim de um estado neurótico — perturbação sem comprometimento com a personalidade. Segundo o texto, pode ser provocado por vários motivos, reais ou irrealis, como defeito físico, condição econômico-social difícil ou a recordação de um fracasso.

A psicóloga clínica Rosemeire Zago, em depoimento ao repórter Eduardo Prestes, afirma que “não existem estimativas de quantas pessoas no mundo sofrem desse complexo, mas todos nós já nos sentimos inferiorizados”. Mesmo apresentando a fala de uma especialista, a matéria busca um tratamento simplista, e a participação da psicóloga reduz-se a uma declaração que lembra as “receitas de felicidade” de livros de auto-ajuda: “Quem se sente inferior pode aprender a valorizar suas qualidades e mudar aquilo que o faz se sentir assim, melhorando sua relação com os outros e principalmente consigo mesmo.”

No fim das contas, a matéria “vende” a idéia de que o tratamento para a solução é a fé, como fica evidente por seus subtítulos: *Tratamento; Vôo através da fé; e Toda cura está em Deus*. Não nos surpreende que este último segmento seja uma entrevista, no estilo “pingue-pongue” (uma técnica à disposição do jornalista que consiste em alinhar perguntas e respostas), com o pastor Flávio Tavares, que realiza as reuniões do Milagre Urgente e as Sessões de Descarrego na IURD em Santo Amaro, São Paulo. E, previsivelmente, o pastor afirma que a origem principal do complexo de inferioridade é espiritual:

[...] até porque nós temos na igreja milhares de pessoas que só venceram os seus complexos quando passaram

por um tratamento espiritual realizado nas reuniões do Milagre Urgente e nas Sessões de Descarrego. A baixa auto-estima está ligada ao centro das emoções e à alma da pessoa, e isso a faz sentir-se inferior. Onde encontrar, então, força suficiente para vencer essa situação de maneira eficaz? A resposta é Deus, pois está escrito: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João 8.32). Para isso as portas da IURD estão abertas todos os dias, com correntes fortes de libertação que levam essas pessoas a saberem o valor que têm diante de Deus.

Igualdade e diferença

A *Plenitude* número 123 destaca em sua capa a matéria *Origem da Vida*, que tem o subtítulo: *Se os seres humanos se originaram de um só homem moldado da mão de Deus, como explicar a variedade de raças existente no mundo? Somos realmente todos iguais?*

Inahíá Castro, jornalista que assina a matéria, recorre à ciência para afirmar que, no fundo, todos pertencemos a um mesmo grupo, a raça humana, apontando a divisão da ciência em relação à questão do conceito de raça humana. Ela busca as contradições das teorias científicas para argumentar que a resposta está nos textos bíblicos. A matéria tem como primeiro subtítulo: *O que aconteceu quando saímos da Arca? Uma visão bíblica*. O texto então remonta a origem humana conforme a Bíblia, a partir de Adão, o primeiro homem, criado por Deus do pó da terra (Gênesis 2.7), e de sua mulher Eva. Lembra que Noé, descendente de Set, um dos filhos de Adão e Eva, e sua família, em virtude de sua fidelidade e obediência a Deus, tornaram-se os únicos sobreviventes do grande dilúvio que o Criador causou para exterminar a humanidade. Deus arrependeu-se de sua criação, entristecendo-se com a proliferação da violência e da corrupção entre os homens (Gênesis 6.6-7). A chance do recomeço coube a Noé, sua mulher e filhos, Sem, Cam e Jafé, que com suas respectivas esposas tiveram a incumbência de repovoar a terra (Gênesis 9.19). A matéria é desenvolvida com base no estudo “panorama bíblico”, elaborado pelo engenheiro Pedro Paulo Alfano.

Mesmo com esse teor bíblico, a matéria contém falas de geneticistas e antropólogos, como o jamaicano

Glenford Mitchell, mestre em comunicação pela Universidade de Columbia. O recurso a especialistas reveste o texto de seriedade. Interessantemente, não há menção de que a comunidade científica em peso desconsidera em seus trabalhos a interpretação bíblica da criação.

De todo modo, o texto dá destaque à fala dos religiosos. O diretor geral da revista, o bispo Eduardo Lopes, faz uma reflexão sobre a matéria de capa, com um artigo: *Somos Iguais?*. Ele inicia o seu texto com uma citação bíblica: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja sobre a terra” (Gênesis 1.18). Reafirmando o papel fundamental dos textos bíblicos como fonte da “Verdade”, termina seu com a seguinte reflexão: “a criação é muito simples e ao mesmo tempo maravilhosa, mas para muitos é difícil aceitar ou crer. Quando olhamos o ser humano em sua alma, vemos isso claramente: somos todos iguais, graças a Deus!”

Ainda dentro do tema da origem das raças, a revista faz uma entrevista pingue-pongue intitulada *Igreja no Mundo*, com o bispo João Luiz Dutra Leite e com os pastores Walker Mugesani e Fabrício Isaac, que contam suas experiências de trabalho de evangelização em Angola, Madagascar, na Costa do Marfim e nos Estados Unidos. A matéria abre com uma afirmação:

[Para a IURD] não existem fronteiras e muito menos diferenças entre os povos, prova disso é o envio cada vez mais freqüente de missionários brasileiros a várias partes do mundo. Além destes pastores, muitos homens de Deus de várias nacionalidades começam a unir forças para aumentar ainda mais este exército que tem como missão pregar o evangelho em todo o mundo.

Na verdade, as diferenças étnicas e culturais são reconhecidas. A universalidade mencionada pelo texto é, simplesmente, a capacidade que a mensagem religiosa teria de causar mudanças de vida em qualquer pessoa. O bispo João Luiz Leite, que assumiu a IURD de Angola, na África, declara:

Eu não tinha nenhuma ligação com a cultura angolana, só

via pela televisão o sofrimento e a angústia do povo, e isso despertou o meu interesse em fazer a Obra neste país. Não tive dificuldades de adaptação, mas o que me chamou a atenção foi o fato [de] que as mulheres angolanas trabalham mais que os homens e muitas vezes são responsáveis pelo sustento da casa. Essa realidade, pelo menos por parte dos homens que se convertem, tende a mudar, como diz a Bíblia, “Não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente. (Romanos 12.2).

Já o pastor Mugesani, que nasceu no Quênia, leste do continente africano, está há 12 anos na IURD. Como missionário, ficou cinco anos em Madagascar e atualmente vive na Costa do Marfim. Ele afirma que é preciso entender e respeitar que, em qualquer parte do mundo, todos têm sua cultura e tradição: “Termos que ter sabedoria para perigarmos a palavra sem entrar em choque, mas convencendo através do amor.” A despeito da suavidade, essa declaração apóia o objetivo de alteração de hábitos e tradições culturais.

Em seguida, há um desvio no tema da entrevista, para que o leitor leia mais um testemunho de conversão e mudança de vida, quando o pastor Fabrício Isaac conta sua história. Ele chegou à cidade de Atlanta, nos Estados Unidos, aos 16 anos de idade e nessa época já usava drogas e a mudança de país só fez com que ele se tornasse um dependente químico. Depois de uma overdose, a família hospitalizou-o. Foi quando o convidaram para de uma reunião em um templo da Igreja Universal do Reino de Deus. “Eu senti que precisava de Deus porque estava no fundo do poço, me converti e me entreguei completamente”, diz Isaac.

Voltando para a questão das diferenças, Isaac fala de sua trajetória de missionário: depois de pregar em cidades norte-americanas —Atlanta, Miami e Nova York—, o bispo Edir Macedo determinou que ele assumisse a evangelização em Madri. O que é curioso em sua fala é a opinião que tem dos Estados Unidos, país de origem do *televangelismo* e da *igreja eletrônica*. Isaac conta que no tempo em que viveu nos Estados Unidos enfrentou a resistência dos norte-americanos, os quais, segundo ele:

[...]na maioria das vezes são arrogantes ao ouvirem pre-

gações de outras pessoas, principalmente de estrangeiros. Eles deixaram de praticar cultos a Deus, como oração nas escolas antes das aulas e permitiram a entrada de cultos pagãos no país e também criaram leis que contrariam os preceitos bíblicos.

Portanto, a palavra Universal, adotada e institucionalizada pela IURD, diz respeito à universalização nesse sentido, como exemplificado nos parágrafos acima, de se estabelecer como regra doutrinária em vários países do mundo e não no sentido radical, que é, por essência, oponente à ordem totalizadora e que se refere à solidariedade, comunhão e compaixão ao bem comum.

A intolerância com as diferenças também aparece nas páginas 28 e 29 da revista *Plenitude* n° 123, dedicadas ao estudo de provérbios bíblicos pelo bispo Edir Macedo. Ele abre seu texto citando São Paulo em suas epístolas, tratando da impossibilidade de comunhão entre cristãos e incrédulos: “Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos; porquanto que a sociedade pode haver entre a Justiça e a iniquidade? Ou que comunhão, da luz com as trevas? Que harmonia entre Cristo e o maligno? Ou que união, do crente com o incrédulo?” (2 Coríntios 6.14-15). E termina o artigo com a seguinte observação: “O coração é a nossa fonte de vida, mas também pode nos levar à morte caso passe a nos comandar e deixemos de agir pela inteligência, e nos conduzindo pelas emoções e pelo o que os outros falam. Agindo dessa forma, esquecemos buscar a Deus e Seus preceitos”. Logo, por essa argumentação, ao seguir estritamente as orientações de Macedo e sua igreja, em abdicar das próprias dúvidas e do diálogo com os outros, o fiel estará agindo com “inteligência”, com “sabedoria”.

Corrente de prosperidade

Em determinado ponto, a edição comemorativa de *Plenitude* deixa o tom dramático para tratar de trabalho, negócios e dinheiro. Nesse ponto, assemelha-se a revistas como *Exame* e *Pequenas Empresas, Grandes Negócios*. É o pragmatismo da *igreja eletrônica* nas questões econômicas.

Trata-se da matéria *Home Office: morar e trabalhar*

no mesmo lugar, que reafirma como a tecnologia é fundamental para a mudança de padrões no mundo empresarial. A reportagem é assinada pelo jornalista Carlos Guttenberg, que afirma ser possível existir no mundo contemporâneo uma estrutura de trabalho real, funcional e de baixo custo dentro da própria casa das pessoas. Algo que era praticamente impossível há algum tempo, tornou-se viável após o advento da Internet. Cita o caso do produtor musical Carlos Javier, que mora em São Paulo e na maioria das vezes precisava atravessar a cidade para chegar aos estúdios de gravação que alugava para fazer suas produções. Com a proposta de melhorar suas condições de trabalho, ele equipou um dos quartos do apartamento onde mora, na região central da capital paulista, com uma cabine acústica usando espuma, tipo caixa de ovo. Quanto aos outros equipamentos de trabalho, Javier conta:

Existem softwares que facilitam tecnicamente a produção, eu comprei um computador e instalei os programas de áudio que já sabia como usar devido a minha experiência. O espaço, apesar de pequeno, se comparado com outras produtoras, não compromete em nada a qualidade do trabalho. Tudo com um custo super reduzido.

A estrutura do texto associa-se às estratégias usadas pelo congresso empresarial da *Corrente 318* da IURD. O empresário Candido Lira Alves de Abreu, um dos proprietários do restaurante *D'Amici*, no Rio de Janeiro, participa de encontros dessa corrente todas as segundas-feiras. Nessas reuniões destinadas a empresários, os bispos e pastores dão sugestões para que os adeptos tornem-se bem sucedidos e vençam no mercado de trabalho como patrões. Alves de Abreu comenta:

É evidente que temos que conhecer a Bíblia e seus ensinamentos, mas o que discutimos mesmo é sobre negócio, empreendimento e sucesso financeiro. Não se fala em religião nesses encontros, temos que aprender que Deus gosta de ouro e prata, por isso não devemos aceitar a falta de dinheiro, o fracasso, e viver sem ambição de ter um patrimônio valioso.

Lira de Abreu é cearense e chegou ao Rio há 15 anos. Trabalhou como lavador de pratos em restaurantes da Zona Sul. Ele se converteu como evangélico da IURD

Bibliografia

ABELMAN, Robert. The Religious Television Family Portrait. In: *Religious Television Controversies and Conclusions*. Ablex Publishing Corporation, E.U.A. 1990.

_____. *Children, television and families: An evolution in understanding*. *Television and families*, 9(1)2-55 1986.

ASSMANN, Hugo. A Igreja Eletrônica. Petrópolis: Vozes, 1986.

ARMSTRONG, B. *The electronic church*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1979.

ATTALI, Jaques. *Milênio*.

Barcelona, Seix Barral, 1991.

BARROS, Andréa & CAPRIGLIONE, Laura. Soldados da Fé e da Prosperidade. In: *Revista Veja*, 2 jun 1997, p. 86-93.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BECKER, Howard S. *Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance*. Macmillan, 1969.

BERGER, René. *The New Television*. Cambridge: The MIT Press, 1977.

BESENVAL, Patrick (org.) *La télévision*. Paris: Larousse, 1978.

BEYER, Peter F. A Privatização e a Influência Pública da Religião na Sociedade Global. In: *Nacionalismo, Globalização e Modernidade*. Petrópolis, Vozes, 1994.

BONFATTI, Paulo. *A expressão popular do sagrado: uma análise psicoantropológica da Igreja Universal do Reino de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

BUCKINGHAM, J. Bridge Builders. In: *Charisma*, 1983.

CAMPOS, Leonildo. *Teatro, Templo e Mercado. Organização e Marketing de um Empreendimento Neopentecostal*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CARDOSO, Onésimo. A Igreja Eletrônica. Os Programas Religiosos na Televisão Brasileira, *Comunicação e Sociedade*, v. 12, São Paulo, Liberdade, p. 5-21. 1987.

COWDERY, Ron. *How to study television*. London: 1995.

ELLENS, J. H. *Models of Religious Broadcasting. Grand Rapids*, MI: Willians B. Eerdmans Publishing Company, 1974.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2001.

FRANKL, R. *Televangelism*. Carbondale, Illinois, Southern University Press, 1987.

FÉRRE, John (org). *Channels of belief: religion and American commercial television*. Iowa: University Press, 1990.

FISK, John. *Television Culture*. London, Methuen, 1987.

FLUSSER, Vilém. Two Approaches to the Phenomenon, Television. In: *The New Television*, Cambridge: The MIT Press, 1977.

FOSTER, Eugene. *Understanding Broadcasting Reading*. Addison, Wesley, 1978.

FORE, William F. *Television*

há 7 anos, e há 6 anos que é um dos quatro proprietários do *Ristorante Italiano D'amici*, que fica na Zona Sul carioca e é considerado pela crítica especializada como um dos melhores restaurantes da cidade. Segundo o empresário:

[...]a relação que se tem com o trabalho é o diferencial para o seu crescimento financeiro. A dedicação do empreendedor ao restaurante é não misturar religião e trabalho. Quando estou no D'amici, por exemplo, e não é possível que eu saia para ir ao templo, eu não vou. Eu não abandono o salão para ir à igreja não, os meus clientes são prioritários, e tenho que supervisionar os meus funcionários. Existe momento para trabalhar e outro para orar e isso a IURD te ensina e define muito bem. Você tem que prosperar, perseverar e dar o seu dízimo sim, porque ele voltará em dobro para você.

O ciúme e questões femininas

Mantendo-se flexível em seu estilo, a *Plenitude* tem seu espaço de revista feminina. Trata de comportamento e relacionamentos na matéria *Ciúme: o vilão do amor*. Na sua abertura já se percebe que a análise de um sentimento humano terá forte base em textos bíblicos, pois o texto começa com a seguinte citação das epístolas de São Paulo:

O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se precede do mal; não se alegra com a injustiça mas regozija-se com a verdade. (1 Coríntios 13.4-6)

Passa-se então para o conhecimento laico, com a declaração da psicóloga Susy Camacho, entrevistada pela repórter Eliana Garcia, que assina a matéria:

[...]o ciúme pode ser definido como negativo e positivo. O primeiro caso começa a se dar quando a pessoa começa a ficar emburrada, o segundo, refere-se à ação de proteção e cuidado que pode acontecer em uma relação. Quem se sente ameaçado pode chegar e dizer para o companheiro: "Olha, eu não gostei do jeito que você olhou para tal pessoa." Falar o que incomoda é um bom começo para vencer esse vilão. Mas tem que ser com diálogo e sem brigas.

A matéria continua com a psicóloga afirmando crer que o ciúme é uma doença que tem tratamento, inclusive com remédios. Este é um dos poucos momentos

and Religion. The saping of Faith, values and culture. Augsburg, s.d.

FRANKL, R. *Televangelism.* Carbondale, Illinois, Southern University Press, 1987.

FURTADO, Rubens. *TV ao Vivo: Depoimentos.* São Paulo: Brasiliense, 1988.

GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade.* São Paulo, Unesp, 1991.

_____. *Mundo em descontrol.* Rio de Janeiro: Record, 2000.

GIUMBELLI, Emerson. *O fim da religião: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França.* São Paulo: Attar!, 2002.

HANSEN, Miriam. *Early Cinema, late cinema: permutations of the public sphere.* New York, Screen, 1993.

HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. *Império.* Rio de Janeiro: Record, 2001.

HOINEFF, Nelson. *Novas Tecnologias, segmentação, abrangência e acesso na televisão moderna.* Rio de Janeiro, Record, 1993.

_____. *A nova Televisão: desmassificação e o impasse das Grandes Redes.* Rio de Janeiro, Ed. Relume & Dumará, 1996.

HOOVER, S. The religious television audience. In: *Review of Religious Research*, 29(2), 1987, pp. 135-151.

_____. *Mass Media Religion: The Social Sources of the Eletronic Church.* Second Printing, EUA, 1989.

_____. Audience size: Some questions. *Critical Studies.* In: *Mass Communication*, 5(3), pp.265-271.

_____.; Abelman R. *Religious Television Controversies and Conclussions.* EUA:Ablex, 1990.

_____. Religious Television and the New Religious Consciousness, In: *America.* EUA: Ablex, 1989.

HORSFIELD, P. *Religious*

em que soluções não religiosas são indicadas para os problemas abordados.

No mais, o texto retoma a fórmula já vista em outras partes da revista. O deputado estadual de São Paulo, Wagner Salustiano, que está há 18 anos na Universal, dá um testemunho na matéria, no tom pesado, dramático, de hábito:

Tinha uma vida desgraçada, sentia verdadeira obsessão pela minha esposa. Não sei falar ao certo como esse sentimento começou, só sei que tinha ciúme até do ar que ela respirava. Eu possuía um transtorno mental muito forte, estava preso aos sentimentos ruins, pensando no que o que ela fazia quando não estava comigo. Com este comportamento doentio, minha empresa foi à falência, fui preso por estar atolado em dívidas. Nesta época foi convidado pela mãe para ir para a Igreja Universal. Em pouco tempo me livreí de toda aquela aflição. Eu perdi tudo por causa do ciúme, inclusive a liberdade, mas graças a Deus tive uma segunda chance. Estou há quase 20 anos na IURD e hoje tenho um casamento abençoado com a mesma mulher. Se ficamos longe um do outro, não há mais a uma neurose de que possa estar acontecendo uma traição. Eu tinha uma perduração, uma força espiritual do mal. Sei que muitos encaram esse sentimento como um prova de amor, mas é uma verdadeira enganação, pois o amor verdadeiro é baseado no respeito e na confiança.

Outra entrevistada é com a atriz Bianca Rinaldi, casada com o empresário Eduardo Menga, que confessa que não é fácil encarar os beijos que sua mulher dá em seus colegas de cena, já que ela trabalha em telenovelas. O casal diz que o importante é a confiança e o respeito. Ela aconselha as pessoas que “sofrem de ciúme” a procurar ajuda espiritual na IURD.

No final da matéria sobre o ciúme, o pastor Israel Vicente, que celebra a Terapia do Amor, na Catedral da Fé, diz que “o ciúme é inerente à falta do novo nascimento que resulta nesta manifestação puramente da carne”. E acrescenta: “As pessoas precisam separar o ciúme do zelo. Toda pessoa que tem ciúme precisa de cura interior, busque a sua!”.

Pode-se observar que na reportagem sobre o ciúme o assunto é tratado de modo banal. Detém-se pouco nas questões do ciúme, passando rapidamente aos teste-

Television: The American Experience. New York: Longman, 1984.

JACOB, C. et al. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: PUC-RJ: CNBB: Loyola, 2003

KOSOVISK, Éster (org). *Vitíologia: enfoque interdisciplinar*. 7º Simposio Internacional de Vitíologia. 1991.

LEAL FILHO, Laurindo Lalo. De Bonner para Homer: O editor chefe considera o obtuso pai dos Simpsons como o espectador padrão do Jornal Nacional. *Carta Capital*, nº 371, 7 de dez. 2005.

LEVY, Pierre. *O que é virtual?*. Rio de Janeiro, 34 Letras, 1996.

MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos & guias – deuses ou demônios?* Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 1996.

MACHADO, Arlindo. *A Arte do Vídeo*. São Paulo, Brasiliense, 1988.

_____. *A televisão levada a sério*. São Paulo:Senac, 2000.

MAFRA, Clara. *Os Evangélicos*. Rio de Janeiro:Jorge Zahar, 2001.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo:Senac, 2001.

MARTIN, William. Religious Television and the New Religious Consciousness. In: *America in Mass media religion social sources of the eletronic church*. Second Printing, Hoover, Stewart, EUA, 1989.

MATTOS, Sérgio. *Um perfil da TV brasileira: 40 anos de história*. Salvador: ABAP, 1990. 85p.

MONTEIRO, Paula. Cultura e Democracia no Processo de Globalização. In: *Novos Estudos Cebrap, n? 44*, março de 1996, p. 89-114.

MOREIRA, Sonia Virginia. Rádio em Transição: tecnologias e leis nos Estados Unidos e no

munhos dramáticos, fechando mais uma vez com indicações de atividades na Igreja Universal do Reino de Deus como a solução.

Ainda no espaço para o público feminino temos a coluna de Cristiane Cardoso, que é também apresentadora do programa *Free Woman*, na rádio inglesa Liberty. Na coluna, Cristiane atua como uma consultora sentimental e responde a perguntas do gênero, além de falar sobre saúde, educação de filhos e outros assuntos que podemos encontrar nas revistas femininas em geral. A diferença em relação a estas revistas está na linha de seus comentários e conselhos, que, de acordo com os parâmetros ideológicos da IURD, admite a independência financeira da mulher mas não que ela seja dona de um pensamento próprio — a palavra final sempre deve ser do homem. Com relação às questões da mulher, que sofreram transformações importantes no século passado e neste início de século, a colunista se mostra conservadora e em nenhum momento sinaliza para a questão de respeito e liberdade do pensamento da mulher contemporânea.

E em coerência com todo discurso da Universal, a colunista reafirma que os problemas vividos pelo ser humano na sociedade contemporânea são inspirados pelo “inimigo”, o Mal — logo, que os dilemas humanos são, em essência, espirituais.

Modismos “pagãos”

O conservadorismo da linha editorial de *Plenitude* é compreensível, está de acordo com a tradição de radicalização de costumes sob inspiração religiosa que marca o pentecostalismo. O problema da comunicação realizada por esse veículo é a ausência de real interesse na investigação das questões que incomodam o seu público.

Vejamos a matéria *Piercings e tatuagens, o que há por trás?* Ela aparenta ser uma reportagem sobre comportamento jovem no mundo contemporâneo, mas não passa de uma orientação para os pais cristãos desencorajarem ou mesmo proibirem os filhos de ter tatuagens ou *piercings*. O texto repete a estratégia dos demais: expõe declarações

Brasil. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2002.

_____. *Rádio Palanque*. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 1998. MOURA, Mariluce (org.). O discreto charme do marxismo. In: *Prazer em conhecer: as entrevistas de Pesquisa FAPESP*. São Paulo: FAPESP/UNIEMP, 2004.

NASCIMENTO, Gilberto. O Calvário do Bispo, *Revista IstoÉ*. São Paulo, 15 jan.1997, p.76-81.

_____. *Revista IstoÉ*. São Paulo, 15 julho 1998, p. 35

_____. As contas secretas da Igreja Universal. *Revista Isto É*. São Paulo, 25 maio 2005. NASSAR, Sílvio Júlio. *1.000 perguntas sobre televisão*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1987.

NEUENDORF, K. Televangelism: a look at Communicator Style, *Journal of Religious Studies*, 13(1), 41-59, 1990. NEWCOMB, H & ALLEY, R. Televangelism: a look at communicator Style, *Journal of Religious Studies*, 13(1), 41-59, 1987 (a).

ORO, Ari Pedro e Steil, Carlos Alberto. (orgs). *Globalização e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____, CORTEN, André & DOZON, Jean-Pierre. *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003.

OWEN, J. *The total image. Grande Rapids*. New Iork: William B. Eerdmans, 1980.

POSTMAN, N. *Amusing ourselves to death*. New York, Viking, 1985.

PRANDI, Reginaldo. A Religião do Planeta Global. In: *Globalização e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1997.

RICE, J. National Federation for Decency. *NFD Journal*. Tupelo, MS: Author, 1979.

SANZ, Luiz Alberto. *Dramaturgia da Informação radiofônica*. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999.

SARAMAGO, José. [Opinião sobre a Igreja Universal do Reino de Deus]. Rio de Janeiro, 2005. Entrevista concedida a Penha Rocha em outubro de 2005.

SCHULTZE, Quentin J. Evangelical Radio and the Rise of the Eletronic Church. 1921-1948, *Journal of Broadcasting & Eletronic Media*. 32, 3, 1988, p. 289-306.

_____. The myths of the eletronic church. Critical studies. In: *Mass Communication*, 4, 1988, p. 245-261.

_____. Evangelical's Uneasy Alliance with the Media. In: Daniel A. Stout and Judith M. Buddenbaum (org). *Religion and Mass Media: Audiences and Adaptions*. Thousand Oats, CA: Sage, 1996.

SHAMBERG, Michael. *Guerilla Television: Technology and Cultural Form*. Glasgow, Fontana/Collins, 1979.

SIEPIERSKI, Carlos Tadeu. *O sagrado num mundo em transformação*. São Paulo: ABHP/UFRPE, 2003.

SUMNER, C. J; SUTTON, A. C. Vitimologia, enfoque interdisciplinar. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE VITIMOLOGIA, 7, ago. 1991.

SUNG, Mo Jung. *Desejo, Mercado e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1998.

TARDE, Gabriel. *A opinião e as massas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

WILLIAMS, Raymond. *Raymond Williams on television*. Londres, Routledge, Chapman and Hall, 1988.

WUTHNOW, Robert. Religious Discourse as Public Rhetoric, *Communication Research*, v.15.3,1988, p. 318-338.

Zâmbia suspende Igreja Universal por suspeita de satanismo, diz jornal. *Folha Online*. São Paulo, 30 nov. 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u90041.shtml>>

de psicólogos, curtas e superficiais, e logo abre espaço para depoimentos — no caso, de pessoas arrependidas das tatuagens e *piercings* que fizeram — e opiniões das autoridades da IURD. Para o teólogo Alexandre Farias, um dos entrevistados da matéria:

A melhor forma de instruir os filhos com relação ao uso desses adornos é esclarecer e posicioná-los a respeito de sua fé. É preciso questioná-los se eles concordam que a Bíblia é a palavra de Deus. Se realmente acreditam, eles devem basear as suas vidas no que está apontado nela. Em 2 Timóteo 3.6, está escrito: “Toda escritura é inspirada por Deus e é útil para o ensino, para a repressão, para a correção, para a educação à Justiça”. Em outra passagem, temos a seguinte orientação: “Pelos mortos, não ferireis a vossa carne; nem fareis marca nenhuma sobre vós” – Levítico 19.28.

As matérias sobre assuntos polêmicos não os investigam de fato: fogem de apresentar diferentes facetas e perspectivas de seus respectivos temas. Estes, muitas vezes, parecem ser apenas pretextos para reafirmações constantes dos princípios da Igreja Universal, feitas por meio dos tantos testemunhos de fiéis e dos discursos de bispos e pastores, repletos de citações bíblicas.